



© Afonso Cruz

## Afonso Cruz – Portugal

### *A Boneca de Kokoschka (2010)*

Kokoschka's Doll

Publishing House **Quetzal**

#### Biography

Afonso Cruz was born in Figueira da Foz in 1971. He works as a director of animation movies, an illustrator, a musician and a writer. Cruz studied at the António Arroio Arts High School in Lisbon, at the College of Fine Arts of Lisbon and at the Madeira Institute of Plastic Arts.

His animation career includes several movies and series. In 2007, he recorded an album with his blues/roots band, The Soaked Lamb, for which he composed the original songs, wrote the lyrics, sang and played the guitar, the banjo, the harmonica and the ukulele.

He started his career as a fiction writer in 2008 with the novel *A Carne de Deus (The Flesh of God)*.

#### Synopsis

*Kokoschka's Doll* acts as a symbol and metaphor for a story of friendship, a story of how the Other is fundamental for our own identity. The characters include Isaac Dresner, a Jew who developed a limp in his left foot, after he was burdened with the memory of his best friend being killed in front of him during World War II. The reader is also introduced to Bonifaz Vogel, a man with a suspended conscience, Tsilia Kacev, an Orthodox Jew who gets stigmata, and a millionaire, Zsigmond Varga, who wants to weigh the human soul, measuring evil and sin with a hydraulic scale. Music is a constant in this story, which also includes defeated poets, a man who is too kind, Kokoschka's doll itself, and a guitar player who classifies people under chords: bearded philosophers, for example, are diminished seventh.

## *A Boneca de Kokoschka*

**Afonso Cruz**

### **Os avós paternos**

**O dia é metade morte, metade vida, tal como se pode ver pela quantidade de luz e escuridão que o compõe**

Foi nesse dia, em que a morte se misturava com a vida, que a minha avó paterna morreu, quando, pela festa do Pentecostes, foi preparado um grande almoço. A minha avó não cozinhou porque estava grávida, ia ter um filho a qualquer momento.

Uma pesada mesa de carvalho tinha sido posta em frente da casa do meu avô (que era coveiro). O grande carvalho da entrada dava a sua sombra, sem pedir – como fazem os homens – nada em troca. Via-se com clareza a mistura da vida e da morte, o carvalho morto que é uma mesa, e o vivo que dá a sombra.

A maior parte dos convidados não apareceram, não queriam comer com o coveiro (que era meu avô paterno), misturar a morte com a vida, misturar as bocas que enterram cadáveres com as bocas que celebram a vida: os que vivem da agricultura e do lavrar da terra. Mas, no fundo, não há grande diferença entre um coveiro e um agricultor. Ambos colocam a sua esperança na terra, uns deitam a semente, outros o cadáver, mas ambos esperam que, do que se enterra, um dia brote vida.

A minha avó chamava-se Marija e era natural de Breslov – como o rabi Nachman. Curiosamente, tinha a profissão oposta à do meu avô: era parteira. Os dois faziam uma circunferência, um anel onde todo o drama humano se encerra.

Nessa tarde, do ventre dela, o meu avô puxou um filho cá para fora. Um filho nascido da minha avó morta, num movimento contrário ao que o meu pai estava habituado: em vez de enterrar o cadáver na sepultura, tirava dela a vida, desenterrava uma criança. Tirava da terra para semear no ar. Assim veio ao mundo o meu pai, David Dresner.

### **Os mortos não têm nome, dizia o meu avô**

Depois, o meu avô foi buscar a pá, suou e cavou um buraco, juntou a minha avó à terra.

O meu avô dizia que a terra que pisamos é como um mar: ondula. E uma onda de terra é uma árvore, um cão, uma vide, um homem, um sapato, um cabrito. Deitou a minha avó na sua derradeira morada, como quem adormece uma criança. Gritou hossana, e tapou-a com carinho (como fazia quando se deitavam) com o cobertor que é comum a todos, o pó. Marcou o lugar com umas pedras e lá ficou ela sem nome gravado, tal como deve ser: os mortos não têm nome, dizia o meu avô.

### **Faremos das nossas carnes uma só terra**

– Sempre me perguntei quem sepultará o último homem – disse o meu avô ao meu pai –, ou se quiseres, e neste caso, quem sepultará o coveiro? Tu, é claro. Não és coveiro, mas sepultar-me-ás na mesma terra da tua mãe que morreu quando tu respiraste pela primeira vez, há quase três vezes sete anos. A terra dela misturar-se-á com a minha como já aconteceu em vida, faremos das nossas carnes uma só terra.

Quando o meu avô morreu, o meu pai fez-lhe a vontade e eles misturaram-se para sempre.

## **Repetir o que o teu avô dizia é como olhar para uma fotografia dele**

Sempre que abria sepulturas, o meu avô pensava alto. O meu pai, porque costumava ajudá-lo quando era miúdo – e de tanto o ouvir –, repetia muitas vezes o que ele dizia. Eram coisas como esta: “É da escuridade da cova que uma pessoa começa a crescer pela vertical acima. Primeiro constrói-se um buraco todo vazio, só feito de abismo. Quando mergulhamos nesse lugar escuro, acontece que, por irmos para baixo, levantamos voo. Mergulhar nesse abismo é como flectir as pernas para saltar. Para baixo, antes de bater com a cabeça no céu.”

Nunca conheci o meu avô (não conheci nenhum dos meus avós), mas o meu pai contava-me como ele era: a barba despenhada, a figura magra, os olhos escuros, as sobrancelhas que pareciam duas mãos a proteger a cara do sol, os joelhos ligeiramente tortos (eu saí a ele) e os pensamentos de terra. Às vezes, o meu pai pegava numa folha e desenhava uns riscos que, segundo ele, eram as rugas da testa do meu avô. Nessa altura tinha pena do meu pai e chegava a rezar para que Adonai lhe desse o dom do desenho. Talvez um dia conseguisse desenhar um rosto inteiro. Uma vez perguntei-lhe porque é que ele repetia tantas vezes as frases do meu avô e ele respondeu assim:

– Repetir o que o teu avô dizia é como olhar para uma fotografia dele.

Afinal, o meu pai não precisava de saber desenhar.

## Os avós maternos

### O sonho da biblioteca

A minha avó materna chamava-se Lia Rozenkrantz e tinha um sonho que se repetia muitas vezes, um sonho cheio de colunas e estátuas. O meu avô materno, que era um grande cabalista, acreditava que esses sonhos se passavam na antiga Biblioteca de Alexandria. Na verdade, esses sonhos sempre foram muito perturbadores para a minha avó, que acordava exaltada, cheia de medo. Eram imagens muito fortes, de cores vivas, daquelas que não se apagam quando se acorda ou à medida que o dia avança. Durante mais de trinta anos, o meu avô (que se chamava Dovev) dormiu com um bloco e uma caneta na mesa de cabeceira. Mal a minha avó acordava, ele massacrava-a com perguntas. Tentava anotar todos os pormenores. Tinha no escritório inúmeras folhas que, segundo o meu avô, eram a planta da biblioteca. Planta essa que se refazia a cada sonho. Ia modificando os traçados que desenhava e tentava encontrar nexos nos pesadelos da minha avó. Também tentou sessões de hipnotismo, mas sem qualquer resultado.

O meu avô queria que a minha avó andasse por esses sonhos com toda a calma, sem se sobressaltar, e pegasse em papiros e os lesse em voz alta. Queria recuperar obras perdidas da antiga biblioteca. Durante trinta anos acumulou inúmeras folhas cheias de fragmentos, de frases, todas transcritas dos sonhos da minha avó. Havia obras de Heráclito, de Andronikos, de Pirro, etc., tudo rasurado e reescrito incontáveis vezes porque os sonhos da minha avó mudavam muito.

Dizia o meu avô, citando o Talmude, que um homem sem mulher é só meio homem. Mas a minha avó ria-se dele e dizia: uma mulher sem homem é como um maneta sem luvas.

Uma das maiores tragédias que aconteceu neste lado da minha família foi a morte do meu avô. Ele costumava passar as tardes com o coronel Möller, que era o seu melhor amigo. Aliás, foi em casa do coronel que a minha mãe conheceu o meu pai.

Um dia, o mordomo do coronel assassinou o meu avô. O meu pai nunca me soube explicar muito bem porque motivo ele o havia feito: dizia-me apenas que o mordomo era um homem terrível, um monstro que, inclusivamente, não compreendia metáforas.

### **Eis o que Tsilia pensa sobre isso das monstruosidades:**

Esta experiência parece-me assustadora, disse-me Tsilia: sobrepuseram as fotografias de todos os alunos de uma escola e, destas imagens, fez-se uma média. E dessa média surgiu uma cara que era o cânone grego. Até a turba tem cânone, e, no entanto, de onde vem a monstruosidade que vemos por aí? Ouvi, há muito tempo, uma experiência curiosa sobre aquela composição de Piet Mondrian, uma daquelas com quadrados, não me lembro do título. Pediu-se a alunos de Belas Artes que pintassem um quadro, o mais parecido que conseguissem com a obra de Mondrian. No final, expôs-se o resultado (algumas dezenas de rectângulos coloridos, imitações do verdadeiro) juntamente com o original, mas sem que nenhum deles estivesse identificado. Aos visitantes, foi-lhes pedido que escolhessem o quadro que achassem mais harmonioso. O do Mondrian, cheio de rectângulos de ouro e divinas proporções, foi o eleito da maioria. Uma percentagem muito alta escolheu a obra original. Isto revela que o homem, não só é composto de divinas proporções, como a reconhece quando a vê, mesmo um homem sem cultura visual, ou mesmo sem cultura nenhuma. E se o que é harmonioso e proporcionado

é fácil de reconhecer, donde vem essa atroz desproporção que vemos no mundo?

**O meu pai não se importava que a minha mãe lesse o Zohar, mas os amigos da família achavam isso muito irregular.**

O meu pai era muito bonito, mas a minha mãe dizia coisas mais inteligentes. Disse-me uma vez:

– Adonai não deve ser procurado nas palavras da Torah. isso seria um grande absurdo, mas sim nos espaços entre as palavras da Torah.

– A verdadeira Torah não tem espaços entre as palavras – disse-lhe eu.

– Ora aí está.

**Os Pearlman, uma forma de incoerência**

Fui viver para casa dos Pearlman porque o meu pai foi para um campo de trabalho e, pouco tempo depois, a minha mãe morreu com febre tifóide.

Os Pearlman eram uma família de cinco pessoas e dois gatos. O meu amigo Pearlman chamava-se Ezra, mas eu tratava-o pelo apelido. Tinha duas irmãs adolescentes, muito feias, uma com catorze anos e outra com dezasseis. A mais velha chamava-se Fruma e a mais nova, Zelda. Eu costumava dizer que a única bonita era a do meio. Para ser justo Fruma era ainda mais feia do que Zelda e Zelda era ainda mais feia do que Fruma. Uma vez vi a Fruma a tomar banho e achei que, apesar de ser horrível, tinha um corpo muito bonito, ou mesmo perfeito. Isso pareceu-me incompreensível, como se a cabeça não lhe pertencesse. Era muito estranho que o

corpo dela não fosse o equivalente de um sorriso com dentes desalinhados e uns olhos encovados, a piscarem demasiado. O corpo dela não tinha dentes desalinhados, pelo contrário, tinha formas que estabeleceriam o cânone da noção de beleza feminina. E as pernas eram duas coisas inesquecíveis, uma ao lado da outra.

O Sr. Pearlman, pai do meu amigo Ezra, tratava-me como um filho. Devia muita coisa ao meu pai, dizia-me ele, mas nunca soube que dívidas eram essas. Quando lho perguntava, ele passava-me a mão pela cabeça e ria-se com a sua voz de ópera.

– O meu pai dizia que – disse eu ao meu amigo Pearlman – o que está em cima é como o que está em baixo. Mas a tua irmã é muito esquisita.

– O que é que queres dizer com isso?

– A parte de baixo não é como a parte de cima. Vai contra muitas leis.

– Que é que queres dizer com isso?

A irmã do Pearlman foi a primeira incoerência que eu vi na vida. Tentei perceber melhor aquela estranheza de possuir a cara errada. Ou seria o corpo errado? As minhas dúvidas acabaram por criar problemas sérios. Fui apanhado com os olhos onde não devia e fui severamente castigado. Mas enfim, aquela foi a minha primeira incoerência e nós nunca esquecemos a primeira vez que vemos uma incoerência toda nua.



# *Kokoschka's Doll*

**Afonso Cruz**

*Translated from the Portuguese by Nuno Quintas*

## **My grandparents from my father's side**

**The day is half death, half life, as can be grasped by the quantity of light and darkness that make it**

That day, when death blends with life, was when my grandmother from my father's side died, on Pentecost, during the preparation of a great lunch. My grandmother didn't cook because she was pregnant, she could deliver at any moment.

A heavy oak table had been set in front of my grandfather's house (he was a gravedigger). The great oak-tree at the entrance would cast its shadow without asking—as men do—anything in return. The blend of life and death could be clearly seen, the table being a dead oak, the oak's shadow giving life.

Most guests didn't show up, they didn't want to share a table with the gravedigger (he was my grandfather from my father's side), blending life and death, blending mouths burying corpses with mouths celebrating life: those who made a living out of farming and from toiling the land. However, deep down, a gravedigger and a farmer aren't that different. Both place their hope on the land, some cast the seed, others the corpse, but both hope someday, from whatever is buried, life will burgeon.

My grandmother's name was Marija and she was from Breslov—just like the rabbi Nachman. Funnily enough, her job was the opposite of my grandfather's: she was a midwife. The

two of them formed a circumference, a ring where the entire human drama is enclosed. That afternoon, from her belly, my grandfather brought his son to the world. A son born from my dead grandmother, in a movement contrary to the one my grandfather was used to accomplish: instead of burying the corpse in the grave, he took life from it, he unburied a child. He took from the land to seed in the air. That's how my father, David Dresner, was brought to the world.

### **The dead have no name, my grandfather used to say**

Afterwards, my grandfather grabbed a shovel, with an effort dug a hole, returned my grandmother to the land.

My grandfather used to say that the earth we tread is like a sea: it waves. And an earth wave is a tree, a dog, a vine, a man, a shoe, a suckling kid. He laid my grandmother in her last address, as someone laying a child to sleep. He yelled hosanna, and he fondly covered her (as he used to when they went to bed) with the blanket common to each and everyone, dust. He marked the spot with some rocks and there she rested, no name engraved, just as it should be: the dead have no name, my grandfather used to say.

### **From our flesh we will create one land**

'I've always asked myself who will bury the last man', my grandfather said to my father, 'or if you will, in this case, who will bury the gravedigger. You, of course. You're not a gravedigger, but you will bury me in the same earth your mother was buried, she who died during your first breath, almost three times seven years ago. Her earth will blend itself with mine as when we were alive, from our flesh we will create one land.

When my grandfather died, my father respected his will, and they were blended forever.

### **Repeating what your grandfather used to say is like looking at his picture**

Whenever he opened a grave, my grandfather thought aloud. My father, because he used to help him when he was a young boy—from hearing him all the time—often repeated what he used to say. Things such as these: ‘It’s from the blackness of the hole that one begins to grow from the bottom up. First you dig a completely empty hole, only made out of abyss. When we dive into that dark place, it so happens, because we’re going down, we take flight. To dive into that abyss is like bending our legs to jump. Downwards, before we hit our heads in the sky.’

I never met my grandfather (I never met any of my grandparents), but my father used to tell me how he was: shaggy beard, lean frame, dark eyes, his eyebrows like two hands protecting his face from the sun, his knees slightly askew (I took after him) and thoughts of earth. Sometimes my father would grab a piece of paper and scratch off something—according to him, the wrinkles in my grandfather’s forehead. I felt sorry for my father and I even prayed for Adonai to offer him the gift of drawing. Maybe one day he could draw an entire face. Once I asked him the reason why he repeated so many times my grandfather’s expressions and this was his reply:

‘Repeating what your grandfather used to say is like looking at his picture.’

My father didn’t need to know how to draw after all.

## **My grandparents from my mother's side**

### **The dream of a library**

My grandmother's name, from my mother's side, was Lia Rozenkrantz, and she often had a recurring dream, a dream filled with columns and statues. My grandfather from my mother's side, a great kabbalist, believed those dreams took place in the Ancient Library of Alexandria. In truth, my grandmother would always find those dreams very disturbing: she woke up in a state of excitement, of fright. Those were very strong images, images bearing bright colours, those you can't forget when you wake up or as the day goes by. For more than thirty years, my grandfather (whose name was Dovev) slept with a notepad and a pen on his bedside. The moment my grandmother woke up, he bombarded her with questions. He tried to write down every single detail. He kept numerous sheets of paper in his office which were, according to my grandfather, the library map. The map which mutated from one dream to the next. He modified the layout he had drawn and he tried to find any sense in my grandmother's nightmares. He also tried hypnotism, but to no avail.

My grandfather wanted my grandmother to calmly walk around those dreams, to grab papyrus and to read them out loud. He wanted to recover lost works from the ancient library. For thirty years he accumulated numerous pages filled with fragments, sentences, every one transcribed from my grandmother's dreams. There were works by Heraclitus, by Andronicus, by Pyrrhus, amongst others, all of them crossed out and rewritten so many times because my grandmother's dreams changed a lot.

My grandfather used to say, by quoting the Talmud, a man with no woman is only half a man. My grandmother however laughed and replied: a woman with no man is like a person with no arms wearing no gloves.

One of the greatest tragedies from this family's side was my grandfather's death. He used to spend the afternoons with Colonel Möller, his best friend. Actually it was at Möller's that my mother met my father.

One day the Colonel's butler murdered my grandfather. My father could never fully explain why he did it: he only told me the butler was a terrible man, a monster who couldn't even grasp metaphors.

### **Here's what Tsilia thinks about monstrosities and such:**

This experience seems frightening, Tsilia told me: they overlapped the photos of every student from a certain school, and found an average. From it a face came out, the Greek canon. Even the crowd has a canon; still, where does the monstrosity we see everywhere come from? A long time ago I heard a curious experiment with that Piet Mondrian composition, one of those with squares, I can't remember its title. Some Fine Arts students were asked to produce a painting as close as they could get to Mondrian's work. In the end, the results were exhibited (dozens of colourful rectangles, imitations of the true one) with the original, none of them bearing any identification. The visitors were asked to choose what they considered to be the most harmonious painting. Mondrian's, full of golden rectangles and divine proportions, was the one chosen by the majority. A very high number of visitors chose the original work. This shows that not only is humankind made of divine proportions, but they also recognise those

proportions when they see them, even a person with no visual culture or no culture at all. If what's harmonious and well-proportioned is easy to recognise, where does the heinous disproportion we see in the world come from?

**My father didn't mind that my mother read the Zohar, but our family friends thought it highly irregular.**

My father was very handsome, but my mother said smarter things. She once told me:

'One should not look for Adonai in the words of the Torah, that would be tremendously absurd, but in the spaces between the words of the Torah.'

'The true Torah has no spaces between words', I replied.

'There you have it.'

### **The Pearlmans, a form of incoherence**

I went to live at the Pearlmans' because my father went to a labour camp and, not long afterwards, my mother died from typhoid fever.

The Pearlmans were a family of five people and two cats. My friend Pearlman's name was Ezra, but I called him by his family name. He had two very ugly teenage sisters, a fourteen-year old and a sixteen-year old. The ugliest one was called Fruma, the youngest Zelda. I used to say the only one who was pretty was the middle one. To be fair Fruma was even uglier than Zelda, and Zelda was even uglier than Fruma. Once I saw Fruma taking a bath and thought that, despite her ugliness, she had a very beautiful, even perfect, body. That seemed incomprehensible to me, as if her head didn't belong to her. It was so strange that her body was not the equivalent

to a smile with crooked teeth and haggard eyes blinking too many times. Her body didn't have crooked teeth; on the contrary, it had forms which would define the canon for the idea of female beauty. And her legs were two unforgettable things, one beside the other.

Mr. Pearlman, my friend Ezra's father, treated me like a son. He owed my father a lot, he used to say to me, but I never knew what those debts were. When I asked him, he touched my head and laughed with his opera voice.

'My father used to say', I told my friend Pearlman, 'what's on top is like what's on the bottom. But your sister is too awkward.'

'What do you mean?'

'Her lower part is not like the upper part. It goes against many laws.'

'What do you mean by that?'

Pearlman's sister was the first incoherence I saw in my life. I tried to figure out the awkwardness of having the wrong face. Or was it the wrong body? My doubts ended up creating serious problems. I was caught looking at where I shouldn't and I was severely punished. Anyway that was my first incoherence, and we should never forget the first time we see a completely naked incoherence.



EUROPEAN UNION  
PRIZE FOR LITERATURE

2012

**Afonso Cruz** – Portugal

*A Boneca de Kokoschka*

Kokoschka's Doll

240 pp, 2010

**Translations:** The book has not been translated yet.  
(Last Update – September 2012)

Publishing House **Quetzal Editores**

Rua prof. Jorge da Silva Horta, 1 – 1500-499 Lisboa

Tel.: +351 (0)21 762 60 00 – Fax: +351 (0)21 762 32 50

[www.quetzaleditores.pt](http://www.quetzaleditores.pt)

**Contact:** [lucia.melo@quetzaleditores.pt](mailto:lucia.melo@quetzaleditores.pt)

**Agent:** Tito Couto – Booktailors-Consultores Editoriais – [tito.couto@booktailors.com](mailto:tito.couto@booktailors.com)

ISBN: 978-972-564-903-9

---

EUPL / FEP-FEE – Rue Montoyer, 31 – B-1000 Brussels – T. +32 (0)2 770.11.10

[info@euprizeliterature.eu](mailto:info@euprizeliterature.eu) – [www.euprizeliterature.eu](http://www.euprizeliterature.eu)



Culture  
Programme



european  
booksellers  
federation



FEDERATION OF EUROPEAN PUBLISHERS  
FÉDÉRATION DES ÉDITEURS EUROPÉENS